

**REUNIÃO DA SBPC**

**Pesquisadores cobram mais incentivos públicos para o desenvolvimento da Amazônia. Também pedem maior integração com os países vizinhos**

Adauto Cruz 8.10.96



O BRASIL TEM 69% DA ÁREA DA AMAZÔNIA, O MAIOR BANCO BIOGÊNÉTICO MUNDIAL: NÚMERO DE PESQUISADORES E TOTAL DE RECURSOS AINDA INSUFICIENTES

# Política para a floresta

Da Redação  
 com Agência Estado

**E**scolhida como sede da 7ª Reunião Especial da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), Manaus abrigou até ontem os principais nomes da pesquisa nacional para discutir os possíveis rumos da floresta Amazônia no século 21. Em dois dias de debates, encerrados ontem, os cientistas lembraram que ainda são poucos os nichos de mercado explorados por empresas e população da região, fato prejudicado em parte pela falta de incentivos governamentais. Por isso, o que ficou do encontro é que a busca de novas estratégias de desenvolvimento deve ser maior e continuada.

Além disso, uma das grandes críticas feitas pelos participantes da reunião da SBPC, cujo tema é A Amazônia, o Brasil e o Mundo, se referiu à falta de integração entre os países que têm a floresta equatorial em seus territórios. "Pesquisadores brasileiros tendem a ignorar a produção dos outros países do continente que têm floresta amazônica e privilegiam as relações com países desenvolvidos nos estudos sobre a região", afirmou o antropólogo Otávio Velho, da

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Segundo ele, apesar de alguns esforços louváveis, boa parte dos pesquisadores, principalmente os do sul do país, ainda age como se os limites da Amazônia se restringissem às fronteiras nacionais.

O Brasil abriga 69% da área total da Amazônia, e o restante se espalha por mais cinco países: Bolívia, Colômbia, Equador, Peru e Venezuela. Para o pesquisador, a integração entre esses países fortaleceria a posição de cada um deles em relação às pesquisas e exploração sustentável da Amazônia, especialmente pelo fato dos países terem de enfrentar uma competição com os países desenvolvidos no mundo globalizado, já que eles têm tecnologia de ponta para pesquisa e um sistema de ciência e tecnologia mais forte.

**PRESENÇA DO GOVERNO**

**M**as, para que haja uma maior interação, incentivos públicos são necessários. Segundo dados apresentados na reunião, a região recebe apenas 2% da totalidade dos recursos destinados à pesquisa científica no Brasil. Eles serviriam não apenas para as pesquisas como também para a im-

plementação de atividades econômicas na região. Os setores mais compatíveis com a floresta, como bioprospecção, ecoturismo e extração florestal sustentável não poderiam, assim, ficar unicamente a cargo do mercado. Para que sejam instalados e passem a gerar rendimentos à população, a presença estatal é importante.

Segundo o economista Cláudio Ferraz, Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), as empresas em geral têm dificuldades para trabalhar na região por causa da falta de crédito, pois para se instalar na região e promover o desenvolvimento sustentável são necessários investimentos altos. Para o economista, o governo seria encarregado também de gerenciar e fiscalizar as iniciativas de desenvolvimento na região amazônica.

As opções para o mercado investir existem. Em mais de 30 anos de pesquisa na área química na Amazônia, o pesquisador José Guilherme Soares Maia, do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), por exemplo, conseguiu identificar 15 classes de produtos de diversos setores da economia que poderiam se beneficiar dos recursos naturais da região, de modo que promove-

se o desenvolvimento sustentável amazônico. Entre esses nichos que têm potencial para crescer economicamente com um maior conhecimento dos compostos das plantas amazônicas estão produtos como fitomedicamentos, corantes, ração animal e inseticidas naturais.

**AROMAS AMAZÔNICOS**

**U**ma das áreas mais promissoras e menos exploradas hoje pela indústria é a produção de óleos essenciais de plantas aromáticas e de aromas de flores, tema de dois livros a serem lançados pelo cientista. "Temos em nosso banco de dados 1,2 mil plantas aromáticas amazônicas cadastradas", disse José Guilherme Maia, no último dia da reunião especial da SBPC.

Mas, até agora, esse imenso e rico banco não está gerando lucros. "Em toda a sua história, a Amazônia só explorou três plantas aromáticas da floresta", destacou. Em seu trabalho de identificação de plantas aromáticas e compostos, o pesquisador submeteu diversos óleos obtidos pela pesquisa para um perfumista da França, país líder na produção desses produtos. E Maia afirma que trinta óleos foram classificados pelo perfumista como excelentes para perfumaria.